

Ana Isabel Moniz

Universidade da Madeira / Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Comparatistas

Viagem e Evasão em Helena Marques*

Je répons ordinairement à ceux qui me demandent la raison de mes voyages, que je sais bien ce que je fuis, mais non pas ce que je cherche. Michel de Montaigne

Inserido no painel *Viagem, Redes e Conexões*, este estudo irá reflectir sobre a problemática da viagem, um tema recorrente na prática ficcional de Helena Marques, atendendo ao lugar privilegiado que a autora lhe concede nos seus textos. Embora com modalidades distintas, motivada por factores diversos, essa temática afirma-se como evasão, em particular, n' *Os Íbis vermelhos da Guiana*¹, o quarto livro da autora, publicado em 2002.

A viagem, “símbolo de uma recusa de si e duma insatisfação permanente”, como a vê Maria Graciette Besse (Graciette-Besse, 1982: 75-76)², semantiza-se na demanda de um lugar alternativo ao de origem, implicando uma deslocação no espaço do sujeito que nessa travessia vive novas experiências e se transforma para assim poder encontrar o lugar do eu, objecto dos seus anseios e da sua reflexão. É essa necessidade de fuga ao real que leva as entidades ficcionais de Helena Marques à ruptura com o passado, abrindo-se à descoberta de novos horizontes, “[...] por rotas de evasão e de procura – procura de uma

* Apresentação elaborada no âmbito do Projecto *Viagem e Utopia* do Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, financiado pela FCT.

¹ Helena Marques, *Os Íbis vermelhos da Guiana* (Lisboa: Edições Dom Quixote, 2002).

² Maria Graciette-Besse, “Baptista-Bastos. Viagem de um pai e de um filho pelas ruas da amargura” (*Colóquio Letras*, 68, Julho, 1982).

identidade [...]; procura de um espaço próprio e de um sentido de vida [...]; procura de um tempo e de uma terra construídos por memórias desde sempre recebidas” (Marques, a), 2002: 15)³.

Vinculada ao sentido etimológico, essa viagem abre-se à indissociabilidade das categorias de espaço, que se traduz pelo substantivo “caminho”, e de tempo, pela conjugação perifrástica “a percorrer” (Carvalho, 1998: 173)⁴, assimilando a deslocação geográfica à viagem da memória e, por conseguinte, de uma (re)construção de identidades num cruzamento de percursos, de tempos e de lugares a partir do qual se constrói o sujeito e o texto.

Percorrendo os espaços e os tempos gravados na memória, estas narrativas inscrevem o vivido nas malhas do tecido ficcional não para sobrepor o passado ao presente mas para nele encontrarem um “manto de afectos” (Marques, 2010: 118)⁵ que envolve uma experiência do mundo fundadora das raízes do ser, da identidade. Talvez se possa assim compreender como o Jornalismo ao qual Helena Marques se dedicou durante mais de três décadas⁶ lhe abre as portas para o contacto da escrita com a realidade, entrelaçando acontecimentos da vida, da experiência pessoal e dos outros, como produto de memórias trabalhadas pela invenção jamais desligada dos movimentos possíveis da viagem. O facto de ter vivido parte da sua vida numa ilha parece assim reflectir-se na adopção desta temática incontornável como resposta à “cicatriz deixada pela clausura do mar – deslumbrante na sua beleza, mas implacável na

³ Helena Marques, “Pré-Publicações – *Os Íbis vermelhos da Guiana*” (*Jornal de Letras*, 20 de Março de 2002 a).

⁴ Célia Carvalho, “Guillaume Apollinaire et Camilo Pessanha: le modernisme et la thématique du voyage”, Maria Alzira Seixo e Graça Abreu (org.), *Les récits de voyages-typologie, historicité* (Lisboa: Edições Cosmos, 1998).

⁵ Helena Marques, *O Bazar Alemão* (Lisboa: Edições Dom Quixote, 2010).

⁶ Depois de mais de três décadas como jornalista, Helena Marques surpreenderia os leitores com a publicação do seu primeiro romance, *O Último Cais*, em 1992, com que viria a ser galardeada com os mais relevantes de entre os prémios literários atribuídos nesse ano em Portugal: Prémio Revista Ler/Círculo dos Leitores; Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores; Prémio Máxima - Revelação, Prémio Bordallo de Literatura da Casa da Imprensa e Prémio Procópio de Literatura.

sua limitação” (Marques, 2005: 174)⁷. Apesar de ter nascido em Lisboa, em 1935, Helena Marques, filha de pais madeirenses, foi viver para a Madeira com apenas três meses, onde permaneceria até 1971 quando, por razões de ordem política e profissional, decide estabelecer-se em Oeiras, lugar ainda da sua residência actual.

É precisamente seguindo os passos da autora que o protagonista de *Os Íbis vermelhos da Guiana* deixará a Ilha da Madeira, embora não rumo a Lisboa mas a essa colónia britânica, numa viagem preparada desde a infância, como forma de evitar um futuro de pobreza a que a sua condição de enjeitado o votara. Renegado pelos pais, o “senhor Comendador”, homem casado, e a “menina” (Marques, 2002: 16) – era assim que a ama denominava a adolescente que o dera à luz –, parte na aventura de uma viagem para Inglaterra, confiado aos cuidados do comandante, em busca de riqueza e de prestígio social a fim de ultrapassar o trauma e a angústia da rejeição.

Essa grande viagem a bordo do navio “Bright Star”, no remoto século XIX, permite-lhe conjugar “duas pátrias, duas peles, dois caminhos (Marques, 2002: 142) e ao livro ancorar a narrativa para depois a lançar no percurso de cento e cinquenta anos da história bem-sucedida de uma família. O desejo de fuga e de evasão, o desejo de conhecer e de contactar com outras realidades que sustentam no livro o movimento dessa viagem não deixará de a aproximar das dinâmicas da emigração em busca de melhores condições de vida. Trata-se de uma realidade que marcou profundamente a Madeira no século XIX e mais recentemente no século XX, esses tempos preferenciais da autora para a contextualização dos seus romances. O século XIX é para ela “um século fascinante. Pelas lutas ideológicas e pela grandeza dessas lutas. [...] O século que teve a consciência de que era preciso acabar com o escravagismo” e o século em que “as mulheres abriram caminho para a sua plena cidadania”, como refere numa entrevista concedida a Maria Teresa Horta (Marques, b) 2002)⁸. Uma preferência que sempre

⁷ Helena Marques, “O fim do caminho”, Ana Isabel Moniz, Diana Pimentel e Thierry Proença dos Santos (org.), *e depois? – sobre a cultura na Madeira* (Funchal: Universidade da Madeira, 2005).

⁸ Helena Marques, b) “Ser feliz não é nada fácil”, Entrevista de Maria Teresa Horta (*Artes II, Diário de Notícias*, Lisboa, 14 de Abril, 2002).

transporta para a trama dos seus livros na relação que estabelece com a História, aproximando claramente o real do ficcional pelo recurso à investigação, sempre atenta aos periódicos, aos relatos e às memórias.

A abordagem de factos históricos apresenta-se assim como um modo de reconfigurar temas e de reavivar imagens numa complementaridade indissolúvel entre o real e o ficcional. A História subjacente na quase totalidade da obra abre para Helena Marques a possibilidade não só de reflectir sobre a política, a República, os ideais democráticos ou a Segunda Guerra Mundial, mas também sobre a emigração e as colónias, defendendo os princípios de liberdade, de justiça, de igualdade. Voltando ao passado, a autora cria as imagens do presente, confundindo a realidade da História com a da actualidade e a sua com a do outro. Uma vertente que se espalha por toda a sua produção e que espelha os modos de viver de uma sociedade cujo contexto histórico a autora retoma e reescreve, recriando situações do passado no presente encenado pela ficção e, assim, aproximando-se de um pendor narrativo que assume as formas do testemunho memorialístico. É, com efeito, na factualidade da história, individual e colectiva, que Helena Marques procura a matéria dos seus romances, desenvolvendo as histórias, muitas delas ouvidas e lidas durante a infância e sobre as quais assenta a sua longa memória, como uma espécie de pano de fundo histórico-cultural e identitário, onde se poderá encontrar o testemunho num tempo e num lugar⁹.

Em diversos momentos da ficção o contexto histórico irá explicar a viagem empreendida pelas personagens. Sabemos que a procura de um mundo melhor instigou, no século XX, a partida de muitos ilhéus, levando na mala a esperança de encontrar uma vida alternativa, nessa viagem “por um tempo imprevisível, a caminho de um futuro imperscrutável”

⁹ Helena Marques justifica a ligação entre memória e escrita pelas experiências de infância: “Cresci, pois, rodeada de muitos Velhos, Velhos maravilhosos e surpreendentes, que me contaram muitas histórias e me legaram uma memória longuíssima – tão longa, na verdade, que sempre me deu a ilusão de recordar, eu própria, factos passados muito antes do meu nascimento, de tal maneira tinha sido forte, viva e colorida a narração desses episódios.” Cf. Helena Marques, “O fim do caminho”, Ana Isabel Moniz, Diana Pimentel e Thierry Proença dos Santos (org.), *e depois? – sobre a cultura na Madeira* (Funchal: Universidade da Madeira, 2005), p. 172.

(Marques, 1994: 153)¹⁰. Como resposta aos condicionalismos insulares, a emigração afigurava-se como a via mais acessível para a realização pessoal e profissional que a terra não podia dar. A problematização da viagem ganhou formas e sentidos que não se resumem a meras deslocações no espaço. “Ela está na inadequação às expectativas”, afirma Bernardo Carvalho (Carvalho, 2009: 99)¹¹. O que significa que a viagem se apresentava ao emigrante como uma possibilidade de fuga a uma existência precária, já que o relevo da ilha dificultava a agricultura e a vida dos camponeses, sustento da maioria da população. Também as sucessivas crises entre constitucionalistas e absolutistas ocorridas em Portugal continental entre 1830 e 1850, mas com repercussões também na Madeira, motivariam a partida de inúmeros jovens como fuga ao serviço militar obrigatório, um facto referido em algumas das histórias narradas por Helena Marques.

Em *Os Íbis vermelhos da Guiana*, a viagem irá abrir a narrativa afirmando-se como o fio condutor que percorre todo o texto, seja através de uma deslocação no espaço, seja através de uma viagem interior, viagens todas elas significativas pela carga de mudança que operam em todos aqueles que a experienciam. Para o protagonista, a partida para um outro país irá surgir como resposta à insatisfação que a sua condição lhe impunha. Com fé e determinação, Simão decide romper com as “insidiosas amarras” (Marques, 2002:17) do passado, propondo dar-se “uma vida nova, uma pátria, uma família, um nome, uma língua, todos inteiramente novos, sem qualquer ligação com o passado que o renegara” (Marques, 2002:17). À viagem pelo espaço associam-se esses outros percursos interiores, retrospectivos e intrinsecamente ligados a formas singulares de sublevação, autonomia e revolta, onde se desenham os contornos de lugares alternativos, orientados para a busca das origens de si próprio e de um sentido para a vida.

No quadro ficcional do percurso canónico de uma iniciação/aprendizagem, a narrativa de Simão Inácio poderá ser lida como renovação interior, mas sobretudo como fuga do real decorrente de uma desejada ruptura com o passado, um assimilando-se ao outro para formar

¹⁰ Helena Marques, *A Deusa sentada* (Lisboa: Edições Dom Quixote, 1994).

¹¹ Bernardo Carvalho, “Viagem e ruptura” (*Textos e Pretextos – A Viagem*, 13, 2009).

uma única motivação, a de um percurso orientado para a reconstrução de um eu que procura esquecer

velhas amarguras e rancores trazidos da infância, azedados por anos de revolta, esforçadamente enterrados no fundo de si próprio: a mãe que não o guardara, o nome que lhe haviam recusado, a família que o expulsara, a pobreza e a obscuridade a que tinham querido condená-lo (Marques, 2002:85-86).

Essa viagem como evasão e ruptura com uma condição de vida insatisfatória poderá aqui aproximar-se de um conjunto de rituais realizados por um sujeito que determina e obedece às etapas de uma transfiguração, não sem deixar de lembrar as ordens monásticas que implicam o apagamento do nome civil, substituindo-o por um novo, liberto e desapossado:

Ele, Simão, começaria uma família, inauguraria uma geração, numa terra nova, numa pátria nova, com uma língua nova, com um nome novo. Chamar-se-ia Simon (a versão inglesa do nome [...]) e Adams (em evocação do primeiro homem da Bíblia) (Marques, 2002:22-23).

Metáfora da gênese e criação, o percurso do agora Simon Adams conduzi-lo-á à metamorfose de um eu que se pretende despojado do seu passado e pronto para assumir uma nova condição anunciada à partida na descrição do novo espaço para onde se deslocara para cumprir o destino a que se propusera: “A Guiana surgia como um espantoso lugar de fertilidade, de ritmos excessivos de crescimento e substituição” (Marques, 2002:91).

É, pois, pela deslocação no espaço que o protagonista irá concretizar a radical mudança do destino a que tinha sido votado. Procurando expiar o trauma da infância¹², seria pelo contacto com a natureza e com o novo espaço para onde se deslocara, na Guiana Britânica, que Simão haveria de alterar o rumo da sua vida. Já nesse

¹² “Deixou subir a cólera, consentiu-a, alimentou-a, embriagou-se nela. Depois levantou-se e caminhou, inseguro, pelo pontão varrido pela maré e gritou as suas misérias ao vento e ao mar como quem se despe, como quem se lava, como quem drena uma ferida purulenta até expurgar todo o veneno, toda a infecção”, in Helena Marques, *Os Íbis vermelhos da Guiana*, p. 86.

novo lugar, na Guiana, que significava País das Águas no dialecto das tribos Caribe e Arawak, sentindo-se limpo e livre, o protagonista recomeçará a sua vida em The Headland, a casa do Pontão, lugar para onde traria a sua mulher e onde nasceriam os seus filhos. Perto do oceano, até porque como afirma “nunca saberia viver longe do mar, não é em vão que se nasce numa ilha” (Marques, 2002:85), Simão refundará a sua vida: “A Guiana era o seu mundo, o seu lugar certo, ali reconstruía a sua vida” (Marques, 2002:85).

Livre de promessas assumidas para consigo próprio, “com o seu orgulho, com a bravia imaginação que o levara a inventar-se saído das mãos de Deus para os braços submissos da ama Josefa” (Marques, 2002:84), Simão Inácio acredita ter cumprido todas as promessas que motivaram a emigração para um outro país, “a aventura da viagem, o sucesso no trabalho, o desafio económico, o passaporte” (Marques, 2002:84) para se transformar num homem novo. Lembrando *L’invitation au Voyage* de Baudelaire (Baudelaire, 1975: 53)¹³, o apelo permanente e irresistível da viagem apresenta-se nesta conformidade como uma antítese compensatória para com um real frustrante e deceptivo que se pretende a todo o custo ultrapassar.

Se, como afirma Jean Roudaut, “la littérature n’est jamais que récit de voyage. Elle consiste à explorer les possibilités de narration, à faire jouer les formes de représentation, à saisir d’un même mouvement le lieu où l’on est et de ses antípodes” (Roudaut, 1995)¹⁴, então poderemos dizer que a prática ficcional de Helena Marques se assume como uma moldura narrativa que olha e se deixa seduzir pelo universo exterior, tecida de individualidades e de vozes anónimas, de factos históricos mas também imaginários, sempre atenta ao quotidiano. Os pormenores descritivos transcritos para o texto que se constrói através de exercícios de escrita emergem como abordagem do mundo e de figuração do subjectivismo. Neste sentido, a escrita assume o papel de uma voz que pretende dar forma e sentido a um espaço perdido para obliterar a distância e reconstituir um tempo¹⁵ e um sujeito que

¹³ Baudelaire, *Œuvres Complètes* (Paris: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, T. I, 1975).

¹⁴ Jean Roudaut, *Encyclopedie Universalis* (SA, 1995).

¹⁵ A este propósito, cf. Teresa Martins Marques, “José Rodrigues Miguéis: da reconstrução de um mundo” (*Colóquio Letras*, 129-130, 1993), p. 131.

a todo o momento se modifica e transforma e, assim, se reconstrói. “No centro da viagem, descobrimos apenas e somente o eu”, afirma Michel Onfray (Onfray, 2009: 139)¹⁶, fazendo salientar uma busca de identidade própria, a metamorfose intrínseca e inevitável do eu que qualquer modalidade da viagem sempre implica.

A deslocação geográfica do protagonista de *Os Íbis vermelhos da Guiana* desencadeada pela ruptura com um passado onde desde cedo se julgou sem um lugar seu desdobra-se, então, numa errância introspectiva, uma busca de si próprio, do Outro e do Conhecimento. Uma viagem pelo espaço e pelo tempo que mais não faz do que dar a ver, através da escrita, o cruzamento de planos temporais e a forma como o passado se liga ao presente numa já antecipação do futuro, em correlação com os percursos de experiência que incessantemente se modificam e se metamorfoseiam.

Embora motivada por factores diversos, nos mundos ficcionais de Helena Marques, a viagem impõe-se como “uma radical transição de vida, portadora de muitas aprendizagens” (Marques, 2010: 135), mobilizando os heróis e permitindo expandir, a partir dessa temática, outras igualmente importantes na sua produção, tais como as que tematizam as feridas de amor ou da sua ausência, os sonhos e ambições, a vida e a morte. As suas personagens desde cedo sentem e respondem ao apelo constante e inevitável da viagem, a que se juntam outras trazidas pelas memórias, desejos e esperanças, viagens como tentativas de o sujeito se recuperar a si próprio, através do sonho, da idealização e da felicidade, sobre os quais se (re)funda o eu e a escrita. Viagens que sugerem, de modo metafórico, que toda a escrita é um movimento incessante de descoberta de novos lugares mas também de transformação do sujeito, uma perspectiva corroborada pelas palavras da autora com que terminamos o nosso texto:

A viagem nasceu comigo, dentro de mim, sonho, desejo e vontade. Ou terei sido eu quem nasceu de outras viagens e delas fiquei para sempre nostálgica em corpo e consciência, sentindo-as emergir em impulsos de partida e descoberta, de reencontro ou revisitação (Marques, c), 2005)¹⁷.

¹⁶ Michel Onfray, *Teoria da Viagem – Uma poética da Geografia* (Lisboa: Quetzal, 2009).

¹⁷ Helena Marques c), “Um livro de torna-viagem” (*Jornal de Letras*, 17-30 de Agosto, 2005).